

FORMAS DE ENXAQUECA EXISTENTES E SUA FISIOPATOLOGIA

UMA REVISÃO DE LITERATURA

MACHADO, L.M.A. RODRIGUES-JUNIOR, G.M.

Resumo

O objetivo deste estudo foi, rever a literatura sobre a fisiopatologia da enxaqueca e as intervenções farmacológicas e não farmacológicas da cefaleia. Foram utilizados artigos originais, consultados no Google Acadêmico, Google e Scielo, encontrados com os descritores: Fisiopatologia da enxaqueca, cefaleia e migrânea. A enxaqueca é uma reação neurovascular incomum, com fatores desencadeantes. Concluiu-se que existem tratamentos eficazes para as crises, promovendo melhora na qualidade de vida.

Palavras chaves: Fisiopatologia da enxaqueca; Cefaleia; Migrânea.

ABSTRACT

The objective of this study was to review the literature on the pathophysiology of migraine and the pharmacological and non-pharmacological interventions of headache. Original articles were used, consulted in Google Scholar, Google and Scielo, found with the descriptors: Pathophysiology of migraine, headache and migraine. Migraine is an uncommon neurovascular reaction with triggering factors. It was concluded that there are effective treatments for the crises, promoting improvement in the quality of life.

Keywords: Pathophysiology of migraine; Headache; Migraine.

INTRODUÇÃO

Enxaqueca é uma doença que tem aumentado consideravelmente em relação as outras doenças neurológicas, os portadores geralmente começam com as crises na infância, adolescência ou na idade adulta e seu quadro de dor aumenta de maneira significativa. Indivíduos portadores, apresentam considerável diminuição de suas atividades de vida diária, causando medo e insegurança, o que culmina para seu afastamento nas atividades pessoais e profissionais dos indivíduos. A enxaqueca se exterioriza, por episódios recorrentes de cefaleia e manifestações que geralmente dependem da presença de alguns fatores desencadeantes (SANVITO; MONZILLO, 1997).

Segundo, Chaves; Mello; Gomes (2009), algumas substâncias tem um papel muito importante no mecanismo fisiopatológico como: serotonina, peptídeos vasoativos, óxido nítrico, catecolaminas (adrenalina, noradrenalina, dopamina) histamina e prostaglandina.

De acordo com uma classificação pela Sociedade Internacional de Cefaleia (2014), proposta por um Comitê Ad Hoc são estabelecidos os seguintes subgrupos de enxaqueca ou migrânea: Migrânea sem aura, Migrânea com aura, Síndrome periódica da infância, Migrânea retiniana, Complicações da enxaqueca e Prováveis migrêneas.

O tratamento da enxaqueca visa impedir que ocorram novas crises ou promover diminuição de sua frequência, ele baseia-se em intervenções não farmacológicas nas quais fazem utilização de relaxamento físico e mental, compressas e massagens, acupuntura, técnicas de biofeedback e a psicoterapia-cognitivo comportamental, o tratamento farmacológico pode ser sintomático ou profilático, dependendo da intensidade e também de outros sintomas associados (MACHADO; BARROS; PALMEIRA, 2006).

Sendo assim, este trabalho teve como objetivo, descrever e contextualizar os mecanismos fisiopatológicos da enxaqueca e discorrer sobre as intervenções farmacológicas e não farmacológicas no manejo das cefaleias.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo quantitativo descritivo, foi realizado uma revisão de literatura, sendo selecionados artigos científicos por meio da busca de dados, Google Acadêmico, Google, Scielo, publicados no período de 1997 a 2014. Os seguintes termos da pesquisa foram utilizados em diversas combinações: Fisiopatologia da Enxaqueca, tipos de enxaqueca, Migraine. Também foram utilizados livros renomados, disponíveis na língua portuguesa.

Não foram incluídos na pesquisa resumos de dissertações ou teses acadêmicas. Foram coletados da literatura, informações sobre a classificação da enxaqueca, intervenções farmacológicas e não farmacológicas no tratamento e discorrer sobre os mecanismos fisiopatológicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma reação neurovascular, incomum ocorre num organismo geneticamente vulnerável e que manifesta-se, clinicamente, por episódios recorrentes de cefaleia e geralmente dependem de fatores desencadeantes. Mesmo que sua definição seja incompleta, ela tem a vantagem de incorporar dois fatores fundamentais da enxaqueca: os endógenos (genéticos) e os exógenos (ambientais) são fundamentais para desencadear a crise. A causa genética é ainda indefinida, embora esse fator seja inquestionável, os fatores ambientais exercem função desencadeadora em uma crise (SANVITO; MONZILLO, 1997).

Segundo Chaves; Mello e Gomes (2009), a enxaqueca é caracterizada por ataques de dor de cabeça uni ou bilaterais, com caráter pulsátil, de intensidade moderada a intensa, por sintomas ou sinais psíquicos, clínicos e neurológicos denominado aura. As crises variam, pois os fatores que desencadeiam podem ser causados pelos alimentos, excesso de sono, fadiga ou odores, podendo apresentar variações climáticas, hormonais, principalmente a menstruação, distúrbios emocionais, estresse e depressão.

Segundo Carvalho (2003), alguns estudos indicam que a cefaleia tem prevalência ao longo da vida em mais de 90%, com predomínio no sexo feminino, e com diminuição após a sexta década, podendo estar associada a alterações do sistema nervoso e trigêmeo-vascular, tendo variação na intensidade, frequência e duração para cada paciente. Além do processo fisiológico, tem-se a desordem do

metabolismo energético que apresenta alterações no córtex dos pacientes com enxaqueca, essa alteração não deve-se à isquemia cerebral, pois não ocorre modificação no pH. A enxaqueca, principalmente associada a aura, é de grande influência genética, uma forma de denominação da doença cerebrovascular familiar, foi denominada recentemente de CADASIL (Cerebral Autosomal Dominant Arteriopathy with Subcortical Infarcts and Leukoencephalopathy) e tem ligação ao cromossomo 19, esses pacientes tem mais frequência de apresentar enxaqueca com aura (VINCENT, 1997).

CLASSIFICAÇÃO

A enxaqueca apresenta subgrupos e de acordo com a Sociedade Internacional de Cefaleia (2014), no quadro 1 tem-se a classificação.

Quadro 1- Classificação Da Enxaqueca

Migrânea Sem Aura
Migrânea Com Aura
Migrânea Retiniana
Complicações Da Enxaqueca
Síndrome Periódica Da Infância
Prováveis Migrêneas

Fonte: Autora da Pesquisa, 2017.

CONCLUSÃO

Com esta pesquisa pode-se concluir que a enxaqueca é um tipo de cefaleia, que depende de fatores desencadeantes para originar uma crise, em alguns doentes ela apresenta-se de forma progressiva e com frequência, é importante saber reconhecer os fatores que a desencadeiam, pois nem todos irão apresentar os mesmos, sua fisiopatologia não foi totalmente esclarecida, pois são

vários os mecanismos que podem desencadeá-la, já o tratamento pode ser de forma farmacológica com uso de medicamentos que buscam reduzir as crises ou não farmacológica, devendo ser escolhido de acordo com as crises que cada um apresenta, pois ira propiciar uma qualidade de vida mais significativa para esses doentes.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, D, S. **Cefaleias**. Revista Brasileira de Medicina, v.60, n.5, p.238-260, maio 2003.

CHAVES, A, C, P; MELLO, J, M; GOMES, C, R, G. **Conhecendo sobre as enxaquecas**. Revista Saúde e Pesquisa, v.2, n.2, p.265-271, mai./ago.2009.

Classificação Internacional de Cefaleias- Terceira Edição, Tradução Portuguesa- 2014, Disponível em:<http://www.ihs-headache.org/binary_data/2086_ichd-3-beta-versao-pt-portuguese.pdf>. Acesso em: 03 de Setembro 2017.

MACHADO, J; BARROS, J; PALMEIRA, M. **Enxaqueca, Fisiopatogenia, clinica e tratamento**. Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar, v.22, n.4, p.461-470, 2006.

SANVITTO, W, L; MONZILLO, P, H. **Cefaleias primárias: Aspectos clínicos e terapêuticos**. Revista Medicina, (Ribeirão Preto. Online). v. 30, n.4, p.437-448, out./dez 1997.

VINCENT, M. **Fisiopatologia da enxaqueca (ou migrânea)**. Revista Medicina, Ribeirão Preto, v. 30, n. 4, p. 428-436, out./dez 1997.